A ESCOLHA É MINHA! REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DAS MULHERES SOBRE A NÃO MATERNIDADE: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

Bruna Pinto da Silva[1]

Caroline Almeida de Azevedo[2]

RESUMO: Este trabalho se propõe a investigar, através de revisão integrativa da literatura, representações sociais sobre a não escolha da maternidade por mulheres, ressignificando papéis sociais do que se supõe sobre ser mulher e sobre performances de feminilidade. Foram encontrados 73 artigos nas bases de dados SCIELO e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), sendo selecionada uma amostra de seis publicações periódicas, excluindo os artigos de relatos e estudos referentes à não maternidade como consequências de complicações orgânicas ou estudos que partiram de uma perspectiva de mulheres mães e suas implicações no tocante às temáticas relatadas. Observou-se que apesar de existir um questionamento sobre papéis de gênero e a não romantização e negação da maternidade, os relatos ainda trazem representações sociais de concepções tradicionais mãe e mulher.

Palavras-chave: mulher; representações sociais; não maternidade.

INTRODUÇÃO

A maternidade é um fenômeno complexo vivenciado pela mulher ao longo da história, que envolve implicações psicológicas, sociais e políticas, influenciadas por concepções e valores construídos historicamente. Sua vivência não depende do estado de gravidez, já que a experiência subjetiva dos fatores que envolvem o ser mãe, estão presentes na vida do sujeito mulher (RESENDE, 2017).

Segundo, Resende (2017), nem sempre se compreendeu o ser mãe como se faz na contemporaneidade, considerando que o funcionamento de classes sociais influenciou muito na tomada de perspectiva sobre o tema. A aristocracia do século XVII não reconhecia o cuidado materno como uma necessidade ao desenvolvimento da criança. Os recém-nascidos eram

[1] Especialista em Teoria Psicanalítica, graduada em Psicologia pela Faculdade Anísio Teixeira - FAT, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: brunabsilva@live.com..

[2] Psicóloga. Mestre em Saúde Coletiva, docente na Faculdade Anísio Teixeira – FAT, Feira de Santana, Bahia, Brasil. E-mail: carolineaazevedo@hotmail.com.

entregues para serem amamentados por amas de leite e caso não morressem, eram devolvidos às suas genitoras para criação e educação.

A necessidade do contato físico materno só passa a ser usual nas famílias a partir da metade do século XVIII, na oferta de um reconhecimento social por parte das mulheres, embasado a priori pelo saber religioso e por fim, legitimado pelas ciências biológicas (ZANELLO, 2016). A criança passou a ganhar o olhar da política devido às altas taxas de mortalidade e o saber médico passou a atuar na fundamentação da necessidade do cuidado da mãe e a figura materna assumiu por completo os cuidados com a criança desde o nascimento incluindo o ato de amamentar (RESENDE, 2017).

Foram divulgados diversos artigos científicos que ressaltavam o "amor materno" e seu poder de transformação social juntamente com a ascensão de um pensamento econômico liberalista que incentivava a liberdade e o individualismo como requisitos para que pudesse ser alcançado um ideal de felicidade. Estes artigos buscavam também trazer a importância de a mulher cumprir seu destino biológico e reproduzir a fim de superar as taxas de mortalidade no continente Europeu (MOURA; ARAÚJO, 2004).

Segundo Zanello (2016), a divisão de tarefas entre homens e mulheres partiu da promessa da igualdade entre gêneros, o homem assumiria atividades no âmbito público, trabalhando em empregos e assumindo profissões, não só para prover o sustento de sua família, mas também por ser considerado intelectualmente mais capaz de exercê-las e a mulher se dedicaria aos afazeres domésticos e a maternidade, tarefa que tinha a finalidade de completá-la, lhe trazer felicidade e satisfação.

Esse período histórico passa a ser conhecido pela "invenção da maternidade", no contexto do início do século XIX. Todas as instituições sociais passam a entrar em consenso acerca da ideia de uma natureza feminina, ou seja, a mulher seria o sujeito capaz de gerar e cuidar, e essas características inatas faziam parte de sua personalidade tanto socialmente quanto biologicamente (MOURA; ARAÚJO, 2004).

No Brasil, a naturalização da felicidade pela maternidade tinha, juntamente com a necessidade de domesticar mulheres, contribuir para o aumento da taxa de natalidade e povoamento de espaços (ZANELLO, 2016). Assim como na Europa, o saber médico se tornou aliado na construção de uma mãe ideal. Com isso, grandes produções científicas e de cunho sociológico foram publicados visando ideias como o determinismo, que influenciava na moral das crianças e na culpabilização de suas mães e no conhecimento da ginecologia higienista a favor de práticas baseadas na raça e na classe social (RESENDE, 2017).

A partir desse processo se criou um estereótipo do papel materno subjetivado socialmente através da perpetuação de ideais históricos. Os estereótipos se referem a um conjunto de concepções e crenças refletidos a um grupo ou a um indivíduo, mantidos pelas representações sociais do senso comum para se entender algum fenômeno social. (ESTRELA; MACHADO; CASTRO, 2018).

Entende-se que representações sociais correspondem a um conjunto teórico popular constituído por sistemas de crenças simbólicos e ideológicos em relação a uma implicação social, compartilhadas por entre os grupos cotidianamente e que influenciam os indivíduos, os quais refletem seus comportamentos na sociedade (OLIVEIRA; WERBA, 2013).

Muito do que se conhece socialmente como "natural" é fruto de representações sociais. A linguagem, opiniões e juízos de valor, comportamentos e símbolos apresentados pelos dispositivos midiáticos partem de representações sociais e seu estudo se torna crucial, já que o ser humano é fundamentalmente um ser social (OLIVEIRA; WERBA, 2013).

Oliveira e Oliveira (2013) ressaltam que as representações sociais possuem duas funções primordiais: convencionalizar conceitos por grupos sociais, que no caso, seria o ser mulher e o ser mãe, e também, prescrever tais conceitos aos grupos sociais, impondo-se a eles. Quando se pensa no ideal de mãe imposto as mulheres, percebe-se que é exigido socialmente que elas sintam não só o desejo de gerar uma criança, mas também que esta criança se torne prioridade de sua vida em nome dos cuidados advindos de um amor incondicional e felicidades genuínas geradas pela maternidade (RESENDE, 2016).

É a partir desta perspectiva que se considera de grande importância para a Psicologia investigar como as representações sociais de gênero constroem a subjetividade de cada indivíduo e quais caminhos são tomados ao se ter consciência destes processos, principalmente os que envolvem os significados da maternidade para cada mulher individualmente. Tendo como base tal direcionamento teórico, esse trabalho objetiva investigar representações sociais na literatura sobre a não escolha da maternidade por mulheres.

2 METODOLOGIA

Este trabalho trata-se de uma pesquisa bibliográfica, o qual utilizou-se do método de revisão integrativa que é definida como "um sumário da literatura, num conceito específico ou numa área de conteúdo, em que a pesquisa é sumariada (resumida), analisada, e as conclusões totais são extraídas" (BOTELHO; CUNHA; MACEDO, 2011. p. 128).

A revisão integrativa se constitui em seis etapas bem delimitadas e específicas, as quais se construiu este estudo, para facilitar a busca e análise dos conteúdos. São elas: 1) definição da pergunta norteadora de pesquisa; 2) definição de critérios de inclusão e exclusão; 3) busca e seleção de artigos nas bases de dados; 4) categorização de dados obtidos nos instrumentos de análise; 5) análise de dados sumarizados; 6) apresentação dos resultados obtidos.

Buscando entender questões sociais ligadas a construções de gênero, se formou a seguinte pergunta norteadora deste estudo: quais as representações sociais contidas nas narrativas que permeiam a escolha das mulheres pela não maternidade? Foi realizada a busca nas bases de dados no SCIELO (*Scientific Eletronic Library Online*) e PEPSIC (Periódicos Eletrônicos em Psicologia), por meio dos descritores Mulheres, Maternidade, Não Maternidade e Representações Sociais, combinando com os booleanos "AND" e "OR", nas diferentes plataformas a fim de obter resultados mais satisfatórios.

Considerou-se todas as publicações periódicas em Português, pertencentes ao âmbito das ciências humanas, e focadas na temática da não maternidade ou de discussões de papéis de gênero. Os critérios de exclusão dos artigos a serem analisados corresponderam aos seguintes segmentos: relatos e estudos referentes à não maternidade como consequências de complicações orgânicas ou estudos que partiram de uma perspectiva de mulheres mães e suas implicações no tocante às temáticas relatadas.

A literatura requisitada para a construção deste estudo encontra-se devidamente referenciada, seguindo as regras da Lei 9.6010 de 1998.

3 RESULTADOS

Foram encontrados um total de 73 artigos, totalizando uma amostra final de 6 artigos seguindo os métodos de exclusão e inclusão de estudos. Desta busca, se obteve 70 artigos na base de dados *Scielo,* dos quais foram selecionados 5 periódicos, e 3 artigos da *Pepsic,* sendo 1 selecionado a compor a amostra. No quadro 1 é possível visualizar a amostra selecionada a partir da busca realizada.

Quadro 1: amostra de artigos encontrados nas bases de dados, Feira de Santana, Bahia, Brasil, 2021.

TÍTULO	ANO	AUTORIA	PERIÓDICO

1 - Novos tempos, novos lugares: reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres.	2018	ROSO, Adriane Rubio; GASS, Rosinéia Luiza.	Psicologia em Revista. Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 442-461
2 - Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres.	2019	MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima.	Saúde Debate. Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p. 1110-1131
3 - Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos.	2012	BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia.	Psicologia & Sociedade. Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 577-587
4 - "Tem que ser uma escolha da mulher!" Representações de maternidade e não-maternidade em mulheres não-mães por opção.	2012	PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf.	Psicologia & Sociedade. Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 300-306
5 - Maternidade: novas possibilidades, antigas visões.	2007	BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia.	Psicologia Clínica. Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185
6 - Autoestima pessoal e coletiva em mães e não-mães.	2005	SOUZA, Daniela Borges Lima de; FERREIRA, Maria Cristina.	Psicologia em estudo. Maringá, v. 10, n. 1, p. 19-25

Fonte: autoria própria, 2021.

Por fim, realizou-se um processo de leitura integral da amostra com a finalidade de apanhar as características principais de cada estudo, para uma visão geral dos conteúdos tratados, como é possível observar detalhadamente no quadro 2

Quadro 2: sumarização da amostra de acordo com objetivos, metodologia e resultados obtidos, feira de Santana, Bahia, Brasil, 2021.

AUTOR/ANO	OBJETIVOS	METODOLOGIA	RESULTADOS
1 - ROSO, Adriane Rubio; GASS, Rosinéia Luiza. 2018	Conhecer e analisar as narrativas de um grupo de empoderamento de mulheres, enfocando as representações sociais sobre maternidade.	Pesquisa qualitativa do tipo intervenção, realizada em 11 encontros do grupo Clínica de Estudos e Intervenções Em Psicologia, sendo 4 participantes maiores de 18 anos, sem comprometimentos psíquicos graves.	O grupo se tornou um espaço potencializador para reflexão acerca de subjetividades e das relações de gênero, desenvolvendo discussões sobre temas relacionados aos lugares das mulheres diante das mudanças sociais e seu impacto no modo de sentir a maternidade
2 - MACHADO, Jacqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. 2019	Analisar narrativas de mulheres sem filhos em relação à maternidade e à não maternidade.	Pesquisa qualitativa que faz uso de fontes orais, coletadas por entrevistas, a qual envolveu 19 mulheres de diferentes idades, profissões, estrato socioeconômico, estado civil e orientação sexual.	A análise das narrativas aponta que as mulheres vivenciaram historicamente mudanças nos valores e práticas que resultaram em novas concepções acerca da identidade feminina, impactando o ideal feminino de mulher-mãe, presente no imaginário social.
3 - BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. 2012	Identificar o que as entrevistadas pensam sobre o que é ser mulher no momento atual e como se sentem em relação à maternidade e à família;	Pesquisa qualitativa realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com 8 participantes de 20 a 60 anos, e os textos resultantes foram submetidos a uma análise de discurso.	Foi observado que a identidade feminina parece estar atravessando hoje um momento de transição, em que o modelo tradicional da mulher vem sendo substituído por modelos contemporâneos mais fluidos, em que as mulheres buscam seu fazer suas próprias escolhas.
4 - PATIAS, Naiana Dapieve;	Compreender como se constituem as	Pesquisa qualitativa a partir de	Os resultados sugerem que as

BUAES, Caroline Stumpf. 2012	identidades femininas de mulheres de classe média, casadas, ou que coabitam com o companheiro, e que optaram por não ter filhos, residentes em cidades do interior do Rio Grande do Sul.	entrevistas semiestruturadas com mulheres na faixa etária entre 29 e 44 anos, que foram avaliadas por meio da técnica de análise de conteúdo.	mulheres que optam por não viver a maternidade constituem suas identidades a partir da negação de representações culturais dominantes que afirmam a maternidade como destino natural de toda mulher, e o amor materno como sentimento inerente à existência feminina
5 - BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. 2007	Melhor entender como as mulheres estão encarando a maternidade, bem como a opção de adiá-la e/ou não ter filhos e qual o papel da carreira profissional em suas vidas.	Estudo exploratório, composto de entrevistas com 4 mulheres, na faixa etária de 37 a 50 anos, sendo que duas delas optaram pela não maternidade e outras duas que optaram por adiar a maternidade para após dos 25 anos.	Resultados apontam para o fato de que, apesar de novas possibilidades terem se aberto para as mulheres, antigas visões, como a de que a realização de uma mulher passa obrigatoriamente pela maternidade, ainda prevalecem no discurso social
6 - SOUZA, Daniela Borges Lima de; FERREIRA, Maria Cristina. 2005	Investigar as implicações da condição de maternidade e de não-maternidade para a construção da autoestima pessoal e coletiva das mulheres.	Pesquisa quantitativa composta por 310 mulheres, com idades variando entre 30 e 69 anos, distribuídas em um grupo de mães e um outro de não-mães, as quais foram solicitadas a responder às versões brasileiras da Escala de Autoestima de Rosenberg e da Escala de Autoestima Coletiva.	Os resultados acerca dos maiores índices de autoestima pessoal e coletiva obtidos pelas mulheres mães, em comparação às não-mães, levam à conclusão de que os estereótipos tradicionais, que atrelavam a maternidade à condição feminina, ainda exercem influência na construção da identidade feminina.

Fonte: autoria própria, 2021.

Tratam-se pesquisas qualitativas, realizadas por meio de entrevistas com mulheres que expressam o não desejo pela maternidade como centro do debate proposto pela temática, seguindo a perspectiva de abordagem de cada estudo.

4 DISCUSSÕES

A partir das análises realizadas com os conteúdos obtidos, foi possível identificar nos discursos relatados nas respectivas pesquisas, ideais e construções históricas acerca da maternidade. Estas concepções influenciam diretamente na forma como as mulheres experienciam as nuances de uma feminilidade arquitetada em uma perspectiva sócio-histórica ao longo das décadas, partindo do ponto da não escolha de serem mães.

De forma unânime, os conteúdos trouxeram relações de conflito entre crenças e atribuições sobre a mulher dentro de um contexto contemporâneo do século XXI, a qual explora e prioriza o meio externo e ocupa posições que antes eram características do lugar do homem, e entre concepções provenientes de um modelo social de mulher historicamente enraizado. Este fato pode ser entendido pelo estudo de representações sociais e suas implicações na história de vida de cada indivíduo.

Conhecer os processos que explicam e desconstroem uma categoria social não necessariamente isenta o indivíduo de repetir ou externar comportamentos hegemônicos acerca de uma determinada temática, contudo é possível que a tomada de consciência individual, guiada pelas experiências pessoais, reflita na forma como crenças e comportamentos se apliquem dentro de um grupo (WACHELKE; CAMARGO, 2007).

Este fato é possível observar no estudo de Roso e Gass (2018) realizado por meio de entrevistas em um grupo de empoderamento de mulheres, no qual os discursos coletados trazem um novo ideal de mulher independente, valorizando as conquistas de papéis de poder na sociedade, mas que ao mesmo tempo, tal conquista possa ter acarretado em complicações como baixa qualidade na educação doméstica de crianças ou de cuidados do lar.

O mesmo acontece em outro estudo de entrevista com 19 mulheres. Os resultados mostraram que os valores morais concebidos a mulher estão em transição entre representações sociais mais tradicionais de feminilidade e novos papéis exercidos por elas na contemporaneidade relacionados diretamente a busca de independência econômica e da dedicação à vida acadêmica (MACHADO, PENNA, CALEIRO, 2019).

E é em nome dessas indagações e conflitos de crenças que a maternidade é posta em questão, passando de uma destinação biológica da mulher, para ser um "projeto pessoal" como se conclui o estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2012). Os resultados mostraram que as mulheres entrevistadas escolheram a não maternidade por darem prioridades a outros projetos como carreira profissional ou porque não acreditam na autorrealização da mulher pela maternidade.

A promessa da realização da mulher pela maternidade advém de um período histórico conhecido como "invenção da maternidade", que cria um complexo de conceitos atrelados a uma performance fidedigna de feminilidade pela gestação e abdicação voluntária de si mesma em nome de um amor incondicional (MOURA; ARAÚJO, 2004). A maternidade é subjetivamente construída como uma promessa de felicidade e completude ao sujeito mulher, romantizando uma relação complexa que é a criação de filhos, responsabilizando totalmente a mulher (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2012).

A partir desta perspectiva, Patias e Buaes (2012) argumentam que a escolha da não maternidade envolve a adoção "de um lugar de negação, isto é, a opção pela qual decidiram viver é falada através da negação de outra identidade – a identidade materna" (p. 303). Com isso, a identidade de não mãe envolve a problematização dos ideais do papel da mãe e a quebra de padrões sociais.

Esta outra identidade, a de não mãe, abre portas para outras possibilidades de vivência como já discutido. Muitas mulheres relatam que preferem manter o trabalho como prioridade ou desenvolver outras relações afetivas durante a vida com amigos, família e cônjuges, como relatado em um estudo com 4 mulheres de faixa etária de 37 a 50 anos. Foi discutido nos resultados que estas motivações foram ponderadas pelas entrevistas por definirem a maternidade como um compromisso definitivo dotado de sacrifícios dos quais elas não estavam dispostas a viver (BARBOSA; ROCHA-COUTINHO, 2007).

A não escolha pela maternidade não se configurou como uma decisão absoluta no estudo de Barbosa e Rocha-Coutinho (2007), as entrevistadas relataram apenas o desejo de adiar a maternidade, o que por si já se caracteriza como uma quebra de padrões em relação a questões de gênero e do que está pré-definido para uma mulher socialmente. Em contraponto a esta tomada de partida, os relatos de Barbosa e Rocha-Coutinho (2012) abordaram a não escolha como definitiva, não demonstrando nos discursos arrependimentos entre as participantes mais velhas.

Entretanto, esta escolha que tanto demonstra trazer segurança e satisfação pessoal, também acarreta em uma frustração de expectativa social, logo que é esperado da mulher a maternidade e como já visto, os conceitos historicamente enraizados acerca do papel do sujeito mulher ainda estão presentes mesmo quando são postos em questionamento. Desta forma, gera sofrimento e exclusão destas mulheres, como é observado no estudo realizado através de aplicação de escala avaliativa de autoestima de Souza e Ferreira (2005).

Os resultados mostram que a autoestima coletiva de mulheres não-mães, descrita como uma relação baseada na identificação com determinados grupos sociais, é menor se comparada com a autoestima coletiva de mulheres que escolheram a maternidade, dentro da escala avaliativa do estudo (SOUZA; FERREIRA, 2005).

Este evento é passível de entendimento ao se considerar os preconceitos que mulheres que optam por não serem mães enfrentam já que socialmente são vistas como egoístas, solitárias, mal resolvidas consigo mesmas ou incompletas, tendo sempre que justificar sua escolha para terceiros. Esta incompreensão externa pode causar mal estar, já que a maternidade é vista sempre como o ponto alto de vida de uma mulher, e não vivenciar a experiência por escolha seria abdicar da feminilidade, do papel social da mulher ideal (BARBOSA; ROCHA COUTINHO, 2007).

Com isto, percebe-se que a lógica da não escolha pela não maternidade observada nos estudos ainda perpassa por um caminho que se divide entre o novo e o tradicional, tanto a nível de grupo social quanto a nível individual, trazendo questionamentos sobre crenças e muitas vezes, angústias, porém a decisão se firma na oferta de novas possibilidades de se entender mulher.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Historicamente, o papel social da identidade do sujeito mulher foi construído juntamente com o papel de mãe, transformando a maternidade em uma experiência para além da gestação, mas também em uma destinação inevitável de um corpo que se diz feminino e que só se completa ao maternar.

A partir destas implicações envolvendo destinação biológica e separação de gênero entre homem e mulher, as representações sociais cumprem seu papel de disseminar crenças, conceitos científicos e idealizações ao longo das gerações, transformando relações intra e interpessoais e comportamento sociais. Levando isso em conta, se tem no imaginário social um ideal

romantizado da vivência da maternidade que tem sido posto em questão para as mulheres que desejam construir sua identidade não sendo mães por opção.

Este trabalho objetivou investigar na literatura as representações sociais presentes nos discursos de mulheres que optaram pela não maternidade. Foi possível observar que as narrativas trouxeram crenças sobre quebra de padrões de gênero que visam a busca da independência da mulher, não só financeira, mas também uma independência biológica que permita seu corpo viver outras experiências.

Entretanto, ainda é consideravelmente presente nas falas analisadas os modelos de mãe e mulher mais tradicionais. Existe ainda convergências entre o que se construiu e que se espera socialmente de uma mulher, sua responsabilização pelo ambiente interno e do que a contemporaneidade e novas concepções de gênero prometem subjetivar.

A psicologia ainda pouco se atentou para a não maternidade por opção, tendo suas discussões voltadas para outras perspectivas do tema, em especial sobre a relação de mãe-filho. Tal fato não só acarreta em pouco material acadêmico para a discussão, dentro do contexto brasileiro ao qual se especificou a pesquisa, mas também em pouca visibilidade para as mulheres que se reconhecem neste lugar do não ser, se fazendo necessário abrir espaço para mais produções científicas sobre a não maternidade e também para a escuta e empoderamento social deste grupo que cresce ao longo dos anos.

Recomenda-se, por fim, que a discussão de gênero dentro da psicologia deva abarcar todas as suas conjecturas, pois todas elas são ferramentas de submissão de corpos e de identidades, sendo crucial a investigação de processos sociopsicológicos que envolvem as construções de representações sociais no senso comum e que tanto podem trazer sofrimento para certos indivíduos em diversas esferas de sua vida. A maternidade não é sinônimo de mulher, portanto a dissociação destes conceitos se faz urgente e presente dentro das possibilidades de ressignificação de papéis de gênero na contemporaneidade.

THE CHOICE IS MINE! SOCIAL REPRESENTATION OF WOMEN ABOUT NON-MOTHERHOOD: AN INTEGRATIVE REVISION

ABSTRACT: This study proposes to investigate, through an integrative review of the literature, social representations about the non-motherhood by women, re-signifying social roles of what is supposed about being a woman and about femininity performances. It was found 73 articles in the databases SCIELO and PEPSIC, being selected a sample of 6 periodic publications, excluding the articles of reports and referent studies of non-motherhood as

consequences of organic complications or studies that were made by a perspective of women-mothers and your implications regarding related thematic. It was observed that although there is a questioning about gender roles and non-romanticization and motherhood denial, the reports still bring social representations of mother and woman traditional conceptions.

Keywords: woman; social representations; non-motherhood.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. Ser mulher hoje: a visão de mulheres que não desejam ter filhos. **Psicologia & Sociedade:** Rio de Janeiro, v. 24, n. 3, p. 577-587, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n3/11.pdf>. Acesso em: 22/11/2020.

BARBOSA, Patrícia Zulato; ROCHA-COUTINGO, Maria Lúcia. Maternidade: novas possibilidades, antigas visões. **Psicologia Clínica:** Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 163-185, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pc/v19n1/12.pdf>. Acesso em: 28/11/2020.

BOTELHO, Louise Lira Roedel; CUNHA, Cristiano Castro de Almeida.; MACEDO, Marcelo. O método da revisão integrativa nos estudos organizacionais. **Gestão e Sociedade:** Belo Horizonte, v. 5, n. 11, p. 121-136, 2011. Disponível em: < https://www.gestaoesociedade.org/gestaoesociedade/article/view/1220>. Acesso em 27/03/2021.

ESTRELA, Jadne Meder; MACHADO, Maiara da Silva; CASTRO, Amanda. O "ser mãe": representações sociais do papel materno de gestantes e puérperas. *Rev.* **Multidisciplinar e de Psicologia:** Santa Catarina, v. 12, n. 2, p. 569-578, 2018. Disponível em: < https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/view/1450>. Acesso em: 09/04/2020.

MACHADO, Jaqueline Simone de Almeida; PENNA, Cláudia Maria de Mattos; CALEIRO, Regina Célia Lima. Cinderela de sapatinho quebrado: maternidade, não maternidade e maternagem nas histórias contadas pelas mulheres. **Saúde Debate:** Rio de Janeiro, v. 43, n. 123, p. 1110-1131, out-dez 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/sdeb/v43n123/0103-1104-sdeb-43-123-1120.pdf>. Acesso em: 22/11/2020.

MOURA, Solange Maria Sobottka Rolim de; ARAÙJO, Maria de Fátima. A maternidade na história e a história dos cuidados maternos. **Psicologia Ciência e Profissão:** Brasília, v. 24, n. 1, p. 44-55, 2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v24n1/v24n1a06.pdf>. Acesso em: 06/04/2020.

OLIVEIRA, Fátima O. de; WERBA, Graziela C. Representações sociais. In: JACQUES, Maria da Graça Corrêa. et al. (org.) **Psicologia social contemporânea.** Rio de Janeiro: Vozes, 2013. cap. 13.

OLIVEIRA, Karine Correia dos Santos de; OLIVEIRA, Sandra Ramos de. Representações sociais. **Caderno CESPUC de Pesquisa Série Ensaios:** Belo Horizonte, v. 1, n. 23, p. 62-68, 2013. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/cadernoscespuc/article/view/8306>. Acesso em: 21/03/2020.

PATIAS, Naiana Dapieve; BUAES, Caroline Stumpf. "Tem que ser uma escolha da mulher!" Representações de maternidade e não-maternidade em mulheres não-mães por opção. **Psicologia & Sociedade:** Santa Maria, v. 24, n. 2, p. 300-306, 2012. Disponível em: < https://www.scielo.br/pdf/psoc/v24n2/06.pdf>. Acesso em: 22/11/2020.

RESENDE, Deborah Kopke. Maternidade: uma construção histórica e social. **Rev. Da Graduação em Psicologia da PUC Minas:** Minas Gerais, v. 2, n. 4, p. 175-191, 2017. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/15251>. Acesso em: 06/04/2020.

ROSO, Adriane Rubio.; GASS, Rosinéia Luiza. Novos tempos, novos lugares: reflexões sobre a maternidade em grupos de empoderamento de mulheres. **Psicologia em Revista:** Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. 442-461, 2018. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v24n2/v24n2a05.pdf>. Acesso em: 05/04/2021.

SOUZA, Daniela Borges Lima de; FERREIRA, Maria Cristina. Autoestima pessoal e coletiva em mães e não-mães. **Psicologia em estudo:** Maringá, v. 10, n. 1, p. 19-25, jan./abril 2005. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/pe/v10n1/v10n1a03.pdf>. Acesso em: 28/11/2020.

WACHELKE, João Fernando Rech; CAMARGO, Brigido Vizeu. Representações sociais, representações individuais e comportamento. **Revista Interamericana de Psicologia:** Santa Catarina. v. 41, n. 3, p. 379-390, 2007. Disponível em: < http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rip/v41n3/v41n3a13.pdf>. Acesso em: 18/05/2021.

ZANELLO, Valeska. **Aborto e (não) desejo de maternidade(s):** questões para a psicologia. Conselho Federal de Psicologia (org.). Brasília: CFP, 2016.